Introdução

Vivemos hoje sob o império da imagem. Depois da voz e da escrita, é a imagem que adquire uma inaudita relevância. Ela determina a nossa vida de forma cada vez mais decisiva. Tanto a nossa maneira de ver o mundo como a forma de nele inscrevermos a nossa existência individual e colectiva.

Qual o bem fundado desta apreciação? Em que consiste o novo estatuto da imagem, se é que existe? De que modo pensar a herança da escrita no interior da civilização da imagem? Será a imagem apenas um meio de aceder ao conceito, uma mediadora efémera, uma simples e fugaz aparição? Ou, pelo contrário, a imagem é a apresentação sensível de uma ordem que só nela e por ela se dá a ver?

Eis algumas das questões que o colóquio "Da civilização da palavra à civilização da imagem", cujas actas aqui se publicam, pretendia colocar.

O colóquio decorreu em Lisboa no Instituto Franco-Portugues nos dias 10 e 11 de Maio de 2010. Foi promovido pelo Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (CFCUL) no âmbito do projecto de investigação (PTDC/EAT/64201/2006) "A imagem na Ciência e na Arte" coordenado por Olga Pombo, com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e do Instituto Franco-Portugues.

O título do colóquio convidava a uma abordagem histórico-antropológica das determinações culturais e sociais – "civilizacionais", em suma – da passagem para o que poderíamos designar como um *episteme* icónico.

Como sabemos, a questão da difusão e triunfo da imagem no mundo contemporâneo tornou-se, ao longo do século XX, objecto de inumeráveis elaborações teóricas cujo denominador comum pode ser a antropologia filosófica. Numa época em que parece prevalecer a realidade técnica do artifício, não surpreende que a imagem, sendo quase o seu arquétipo, se tenha tornado um tema inesgotável de estudo, segundo as mais diversas perspectivas de investigação.

À escala reduzida do nosso tempo, a oposição ou, pelo menos, o desafio recíproco que liga a palavra à imagem , encontrou no "*pictorial turn*" – proclamado por um dos maiores teóricos contemporâneos da imagem, W. J. T. Mitchell (1992) cujo trabalho na Universidade de Chicago está associado à emergência dos "*visual studies*" – uma resposta ao "*linguistic turn*" dos anos 60 e significou uma contestação da metafísica intelectualista que o sustentava, como diz Jacques Rancière em *Le destin des images* (2003). A análise baudrillardiana da hipertelia do fluxo da "imagerie" social e comercial e o fascínio da estética contemporânea pelas transformações a que as imagens artísticas foram sujeitas num tempo de antropologia artificial e de estetização generalizada mostram como as imagens se tornaram tão atraentes e poderosas quando analisadas nos seus modos de produção e nos seus efeitos. Baudelaire, o poeta por excelência da modernidade, foi o profeta e sacerdote da nova religião quando escreveu, em *Mon coeur mis à nu*: "Glorifier le culte des images (ma grande, mon unique, ma primitive passion)". Uma estação obrigatória deste culto eminentemente moderno foi também inaugurada por Marx, quando

analisou o valor de *fétiche* da mercadoria, isto é, a transformação dos objectos em fantasmagorias e imagens de sonho a partir do momento em que o valor de troca anula o valor de uso.

Mas um colóquio dedicado à questão "da Civilização da Palavra à Civilização da Imagem" não podia deixar de entrar também – ou sobretudo – por outras vias, menos sinalizadas: aquelas em que se tenta pensar o estatuto cognitivo e os limites internos e externos das imagens, aí onde elas confinam necessariamente com as palavras. A propósito desta magna questão, recordemos um texto fundamental: "Parler, ce n'est pas voir", de Maurice Blanchot, ncluído em *L'entretien infini* (1969). Blanchot tematiza aí "a exigência óptica que, na tradição ocidental, condiciona desde há milénios a nossa aproximação às coisas". De acordo com essa exigência óptica, o pensamento está subordinado à visão e o *logos*, expressão do pensamento articulado, diz portanto unicamente respeito às coisas visíveis, aos fenómenos. O pensamento teria assumido, digamos assim, uma constituição fenomeno-lógica que o faz depender do ver e que faz desse ver o *telos* e o critério do pensamento. A leitura deste texto de Banchot torna-se ainda mais produtiva e problemática se a fizermos entrar em diálogo com uma afirmação simétrica de Jean-François Lyotard em *Discours, figure* (1972) : ver não é falar. O visível, afirma Lyotard, não é legível, audível ou inteligível, o ver não se submete às regras do discurso. Se para Blanchot cabe à literatura praticar o exercício transgressivo da palavra, libertando-se precisamente da exigência óptica, para Lyotard é a pintura que tem a missão de, muito para lá da palavra, exibir aquilo a que ele chama de presença sensível ou figural. O figural – em suma, aquilo que nos obriga a considerar a imagem fora do esquema transcendental da *mimesis* – designa um suplemento sensível que não só se subtrai à palavra como perturba a ordem do discurso, impedindo a sua legibilidade. O "falar não é ver", de Blanchot, e o "ver não é falar", de Lyotard, têm em comum o facto de o primeiro pretender subtrair o falar a uma relação analógica com o ver, enquanto que o segundo procura para o ver um dado sensível, intensivo, que permita libertar o figural das malhas do discurso. E aí a imagem (a que alguma *doxa* atribui as características da transparência e da transitividade) obriga a uma experiência que nos deixa desamparados, destituídos de segurança. Merleau-Ponty referia-se a isso quando, comentando Cézanne em *La prose du monde* (1969), sugeria que jamais nos poderemos sentir em casa na pintura como nos sentimos na linguagem.

O que é tambem interessante – e de algum modo justificativo das razões que podem levar um centro de investigação em Filosofia da Ciencia a promover um coloquio sobre este tema – é que essa contiguidade entre imagens e palavras tem enormes ecos no campo, aparentemente distante, do conhecimento cientifico. Tambem aí a imagem ocupa um lugar singular, ao lado, antes ou depois da palavra.
Como é dito por Olga Pombo na introdução a um livro recente, *As Imagens com que a Ciência se faz* (2010), editado pelo projecto de investigação no contexto do qual este coloquio foi promovido, "as ciências sempre fizeram imagens. Desde a geometria grega o destino da ciência se cruza, não apenas com a palavra escrita, mas também com o delinear da figura, com o desenho da forma, com a configuração do espaço". No entanto, esse facto tem sido sistematicamente esquecido ou desvalorizado ou mesmo recalcado pela filosofia da ciencia, que só muito recentemente tem vindo a ultrapassar essa desatenção cronica para com a relação que, em ciencia, as palavras mantem com as imagens. Nesta ordem de ideias caber-lhe-ia hoje a valorização da

presença sensível face a uma compreensão positivista da ciência como puro universo de representação, isto é, como construção infinita da linguagem.

***

Os textos reunidos neste volume reflectem a condição de transversalidade e transdisciplinaridade (que é também não-discipinaridade) a que o discurso teórico sobre as imagens está obrigado.

A entrada em diferentes problemas da imagem pelo lado da arte (e, portanto, com incidência na imagem estética) é feita em três textos. Um deles, "Ponto, linha, plano... e teoria: lugar e função da linguagem na pintura de Wassily Kandinsky", de Nuno Carvalho é uma análise dos escritos teóricos de Kandinsky de onde se deduz uma contradição fundadora entre o projecto do artista de criar, pela abstracção (em que a cor e a forma se tornam elementos intransitivos, irredutíveis a qualquer princípio narrativo), o espaço autónomo da pintura e o modo como a sua busca de uma "imagem pura" precisa da legitimação da linguagem teórica, que é assim simultanamente exterior e interior à sua pintura. Por seu lado, Manuel Rodrigues, em "Imagem e semelhança. A arte no ensino e na cultura" procura pensar os desafios que a arte moderna e contemporânea lançam simultaneamente à escola e à teoria. As questões didácticas e do cânone – e, em suma, a questão fundamental do que é a arte – são aqui convocadas e desenvolvidas no horizonte de uma cultura crítica e da crise, tomando como referência Platão e Nietzche. Nesta mesma série de comunicações em que a perspectiva sobre a imagem é a da Estética e a da História da Arte, integra-se ainda o texto de Sara Fuentes Cid: "Apreendendo complexidades: processo recursivo e criação artística". A autora procura uma definição de arte a partir da noção de representação e, para isso, vai definir vários tipos de representação e entender a criação artística a partir do conceito de recursividade, que se aproxima da auto-referencialidade.

Numa perspectiva a que o tema do colóquio não podia deixar de fazer referência, duas comunicações puseram no seu centro as teorias de McLuhan: "Uma espécie em vias de extinção?", de Fragoso Fernando, e "Uma leitura aristotélica de Marshall McLuhan", de Yolanda Espiña. A primeira incide precisamente sobre a diferença irredutível entre a escrita e a imagem, na sua homologia com a diferença entre a Galáxia de Gutenberg e a Galáxia de Marconi. E o operador conceptual dessa homologia é a noção de centro, fundamental no texto escrito e ausente na imagem. Seguindo a lógica da tese de McLuhan de que uma nova tecnologia da comunicação implica também novas formas de pensamento e de visão do mundo, Fragoso Fernandes aplica-se a mostrar como a ausência de centro própria da imagem está na base da arte e do pensamento da nossa época. A partir das teses de McLuhan, prolongando-as no seu alcance teórico, Fragoso Fernandes fará ainda uma incursão no campo da robótica para aí assinalar o despareciemento da fronteira entre o natural e o artificial. Quanto à segunda comunicação, trata-se de uma leitura aristotélica de algumas noções de McLuhan, uma leitura informada pelo conhecimento de que a formação clássica – e nomeadamente o interesse pela retórica – foi essencial nas elaborações teóricas do autor de *Understanding Media* (1964). A tese fundamental para onde se encaminha esta leitura de McLuhan é a de que existe uma profunda

unidade "entre a capacidade significativa mediada pela palavra e o conceito mesmo de imagem".

No âmbito filosófico e da história da filosofia, podemos situar quatro intervenções recolhidas neste volume. Comecemos pela de Catarina Pombo Nabais, intitulada "Deleuze e Beckett: l'image comme épuisemente du mot". Deleuze entra com toda a pertinência no tema deste colóquio, não apenas porque dedicou dois extensos estudos à imagem cinematográfica, mas porque em *Différence et répétition* (1968) formula um programa de passagem da imagem do pensamento a um pensamento sem imagens. Não é porém sobre este programa grandioso e cheio de consequências que se detém Catarina Pombo Nabais (muito embora faça referência a ele). A sua proposta, muito menos óbvia, desloca-se para as "quatro formas de esgotamento da linguagem" que Deleuze identifica em Beckett, num famoso texto que escreveu sobre o escritor irlandês *L´épuisé* (1992). Chegar a uma "imagem pura" através dos processos de esgotamento e purificação da linguagem, interpretar o teatro de Beckett como pondo em cena "o movimento do espirito em flagrante acto de fazer imagens": eis a leitura que aqui é feita de Deleuze leitor de Beckett. Sobre "L'écriture diagrammatique: au-delà des images et des mots", é o título do texto de Vincent Bontems. Os caligramas de Apolinnaire servem aqui de exemplo do que está em jogo na escrita diagramática, que se caracterizaria por sobrepor dois regimes de significação: o da palavra e o da imagem (que assim passariam a não constituir campos demarcados). Daqui, o autor deste ensaio parte para uma análise da escrita diagramática no *Sofista* de Platão e, a seguir, para a análise de uma banda desenhada, outro exemplo de escrita diagramática, na sua "organização espácio-tópica". O objectivo da análise destes dois exemplos é o de "mostrar que, ao longo da nossa civilização, na escrita se manifesta uma tensão para ir além das palavras e das imagens ". A condenação da *mimesis* poética que Platão leva a cabo, no livro X de *A República*, é o objecto do texto de Gonçalo Zagalo Pereira; "Escrita e *theoria*: a visibilidade das formas platónicas a partir de Eric Havelock". Trata-se da leitura e comentário de um livro de Havelock consagrado a Platão: *The muse learns to write* (1986). O tema da escrita desenvolvido por Platão no *Fedro* constitui uma questão central nesta comunicação. Trabalho de investigação e erudição no campo da história da filosofia é o de Sehrii Wakúlenko, que traz à luz a obra de um filósofo português do século XVII que mesmo nos círculos especializados permanece desconhecido: "Definir filosoficamente a imagem: a tentativa de Agostinho Lourenço, SJ (1634-1695)". Wakúlenko apresenta o autor de um monumental *Curso filosófico* em três tomos, publicado em 1688, e procede à leitura desse *Curso*, na parte em que ele é dedicado à questão da imagem, inserindo-o no contexto da tradição escolástica tardia a que pertence.

A relação da imagem com a memória é o objecto de tres-textos, dos quais dois têm como referência fundamental, num caso, e exclusiva, noutro, as singularíssimas contribuições de Aby Warburg para uma "ciência da cultura". O primeiro é de Andrea Pinotti e intitula-se "Monument-nonument. Image, mémoire, oubli". Pinotti analisa o monumento como algo onde está em jogo a dialéctica memória/esquecimento e, para tal, convoca a noção de imagem de Warburg, enquanto formação constituída por uma memória que sobrevive e se transmite segundo determinadas leis. Activando um modelo morfológico e tipológico de pensamento, o autor deste ensaio mostra como todo o monumento, paradoxalmente, implica rememoração, ao mesmo tempo que perda da memória. Andrea Pinotti mostra ainda de que modo alguma arquitectura

contemporânea integra o programa de negação do monumento (daí, a utilização do neologismo "nonument"). O segundo texto, "As Imagens sem memória e a esterilização da cultura", de António Guerreiro, é dedicado exclusivamente à teoria warburguiana da imagem e à perspectiva antropológica que está na sua base. Um profundo pessimismo cultural leva Warburg a dignosticar uma condição da cultura em que esta se encontra destituída de vitalidade pela incapacidade de produzir ou reactivar imagens fecundas. Daí que, na perspectiva de Warburg, aquilo a que nós chamamos "civilização da imagem" corresponderia a um estádio de esterilização da cultura. O terceiro texto constroi-se a partir da historia e antropologia da escrita. Referimo-nos ao texto de Philippe Artières, "Images d'écrits". Como diz o autor numa breve introdução, trata-se da "análise de uma série de cenas de imagens de escritos", no sentido de tentar perceber como é que se deu, a partir da segunda metade do século XIX, a passagem da civilização da palavra à civilização da imagem.

Finalmente, temos três textos dedicados à relação da imagem com a ciência e a ténica. "Nom et image comme rites de la technoscience", de A. Grinbaum, é uma incursão nas mitologias contemporâneas da técnica, nas idealizações de que ela é objecto, e inscreve-se explicitamente numa "antropologia da técnica". O ponto de partida é o de que "para o homem vulgar, os objectos tecnocientíficos são efectivamente caixas negras cujo funcionamento ele ignora". O que daqui decorre é uma situação paradoxal em que a técnica ganha a dimensão de uma divindade e nela se alojam as figuras de um novo sagrado ou de uma nova religião, com os seus ritos, os seus sacerdotes, os seus espaços de profanação. O segundo texto desta série, de Zbigniew Kotowics, "La psyché – image, parole", é uma reflexão sobre "a imagem da psique", feita por quem se apresenta desta maneira: "Comecei a minha carreira como psicólogo clínico e nos primeiros anos trabalhei num contexto psiquiátrico". A verificação a partir da qual se desenvolve todo o texto é a de que as imagens do cérebro produzidas pelos *scanners*, nos últimos vinte anos, vieram modificar totalmente o modo como os textos psiquiátricos falam da psique, isto é, vieram transformar as nossas representações da "*imagerie*" psíquica e cerebral. A conclusão para a qual nos conduz Kotowics é a de que "a psique em si não existe, quer dizer, a ideia de um espaço interior onde a memória, o pensamento e a palavra estão "armazenados" à espera do momento propício em que se possam exprimir, é uma ilusão. (...) Portanto, nenhuma imagem a pode encerrar". Por último, temos a extensa contribuição de José Luís Garcia para este volume, intitulada "O universo das imagens técnicas no pensamento de Vilém Flusser". Trata-se de uma apresentação da obra de um dos maiores teóricos contemporâneos dos *media* e das tecnologias da informação. Reconhecendo que o pensamento de Flusser é determinante no modo como comprendemos a influência dos *media* num mundo dominado por imagens e sons electronicamente produzidos e difundidos, José Luís Garcia detém-se, nesta apresentação, num nó fundamental onde a teorização de Flusser se encontra de maneira evidente com o tema que este coloquio não consegue evitar: a teoria da imagem.

Resta-nos agradecer a todos os autores que aceitaram participar neste volume e às instituições que apoiaram a realização do coloquio que aqui se consubstancia: Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e Instituto Franco-Portugues.

António Guerreiro e Olga Pombo